HÁ UMA GLOBALIZAÇÃO DA LUTA CLIMÁTICA

Nos últimos meses, temos assistido ao que parece ser uma intensificação de protestos em prol da defesa do planeta e contra as políticas, os agentes e os interesses que lucram com a sua destruição.

Filipe Pimentel Rações

Ocupações de espaços públicos e de universidades, especialmente em Lisboa, investidas contra governantes, edifícios públicos e algumas empresas, têm surgido frequentemente nos jornais, ações realizadas sobretudo pelos movimentos Climáximo, Fim ao Fóssil: Ocupa! e Greve Climática Estudantil. Estes coletivos, constituídos essencialmente por jovens, acusam governos e empresas de ignorarem a crise climática e os sucessivos alertas da comunidade científica, e de quererem manter um regime socioeconómico que só procura a acumulação de riqueza à custa da Terra e da vida nela contida.

António Carvalho, sociológico e Professor Auxiliar na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, tem investigado e escrito sobre contestações populares de cariz ambiental, sobretudo associadas à transição energética, e ajudou-nos a percorrer a história do ambientalismo em Portugal e a perceber que movimentos são os que temos hoje e que tanto rebulço causam, sobretudo nas sociedades ocidentais, e aos quais Portugal não escapa.

LUTA ANTINUCLEAR EM FERREL E O NASCIMENTO DO AMBIENTALISMO PORTUGUÊS

António Carvalho considera que "no período anterior ao 25 de abril, devido aos contextos social e político, existia pouca liberdade civil para organização de movimentos ambientais". Contudo, a partir da revolução, o cenário alterou-se.

Entre os académicos, é praticamente consensual que o ambientalismo em Portugal se estreou em 1976 em Ferrel, com a mobilização da comunidade local contra os planos do Governo de então para aí instalar uma central nuclear.

"Em termos de movimento organizado, geralmente na literatura identifica-se as primeiras manifestações de Ferrel contra a potencial construção da central nuclear como o início do movimento ambientalista organizado em Portugal", explicou-nos António Carvalho.

Embora não sejam certas as causas, se pelos efeitos da contestação popular, se por problemas financeiros do Estado, facto é que a central não chegou a ser construída.

Apesar de esse protesto ter tido "uma dimensão local muito forte", contou-nos António Carvalho, "o movimento depois disseminou-se, tornou-se um movimento nacional ao longo do final dos anos 70, início dos anos 80, precisamente devido à capacidade de captar a atenção de outro tipo de sensibilidades, nacionais e internacionais".

A partir dessa altura, surgiram outros conflitos ambientais pelo país, aproveitando a nova liberdade recém-adquirida, entre eles, por exemplo, a campanha lançada em 1979 pela Liga para a Proteção da Natureza (LPN), pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico e pela Direção-Geral de Ordenamento e Gestão Florestal, que se juntaram para travar a expansão da indústria de celulose na Serra da Malcata, alegando que ameaçava a sobrevivência do lince-ibérico.

Mais recentemente, os protestos contra a exploração de lítio em Boticas, em Montalegre e em Felgueiras, e os protestos contra o abate de árvores para a construção de parques eólicos, só para nomear alguns, têm marcado uma forte presença na imprensa e provocado reações da sociedade.

A "CARBONIFICAÇÃO" DO DISCURSO AMBIENTALISTA

Avançando rapidamente para os dias de hoje, o fenómeno das alterações climáticas parece dominar os discursos ambientalistas, embora não totalmente, que tendem a focar-se mais em dimensões globais, sendo que o local, ainda que presente, acaba por ser secundarizado.

"As lutas a que nós temos vindo a assistir, ao nível do movimento climático mais mainstream, são lutas muito focadas não necessariamente na dimensão local, mas mais na globalização dos potenciais efeitos de +

yumpu.com está em ecrã completo Sair de ecrã completo (Esc)

> "As lutas a que nós temos vindo a assistir, ao nível do movimento climático mais mainstream, são lutas muito focadas não necessariamente na dimensão local, mas mais na globalização dos potenciais efeitos de uma crise climática. Portanto, há uma globalização da luta climática e uma atenção diferente em relação ao papel local nestes casos

uma crise climática. Portanto, há uma globalização da luta climática e uma atenção diferente em relação ao papel local nestes casos", salientou António Carvalho.

Apesar de hoje o problema das alterações climáticas estar na ordem do dia, o fenómeno não é novidade. Em 1896, o cientista sueco Svante Arrhenius previu, pela primeira vez, que o aumento da concentração de carbono na atmosfera da Terra poderia levar à subida substancial da temperatura à superfície, através do efeito de estufa.

Desde então, nomes como Guy Callendar, Milutin Milankovitch e Gilbert Plass fizeram avançar o conhecimento sobre a relação entre as emissões de gases poluentes, como o dióxido de carbono, e potenciais alterações no clima da Terra.

Contudo, só recentemente o tema das alterações climáticas parece ter saltado para as luzes da ribalta, estando hoje assiduamente presente em discursos políticos e diplomáticos, justificando investimentos e motivando novas regras sobre, por exemplo, a forma como empresas e outras organizações operam.

E isso deixou também as suas marcas no movimento ambientalista.

"Eu penso que há quase, de certa forma, uma 'carbonificação' do discurso ambiental, até no contexto português", afirmou António Carvalho. "Há uma crescente presença das preocupações climáticas no discurso ambientalista global e português, e este está muito associado à emergência de instituições a nível global, como o IPCC [Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas], mas também ao papel da própria Organização das Nações Unidas, ao trazer a agenda climática para o centro dos debates sobre ambientalismo a nível global".

O docente universitário considera que há "uma certa tensão, uma contradição, entre o movimento ambiental e o movimento climático", pois "temos o discurso dominante, a nível europeu e nacional, em torno da ação climática e da neutralidade carbónica até 2050, e ao mesmo tempo essas políticas dependem da extração de minérios, como o lítio e o cobalto".

Em Portugal, o sociólogo diz que essas fricções "geram também movimentos ambientais que têm visões completamente diferentes daquelas que encontramos, por exemplo, nos movimentos climáticos globais, que argumentam em prol do recurso de larga escala às energias renováveis para fazer face às alterações climáticas".

"Estamos perante uma dissensão entre a dimensão global e, por outro lado, a dimensão local, mais focada em questões de biodiversidade e de impacto nas comunidades locais. São modos de pensamento diferentes que estão presentes naquilo que, numa fase inicial, poderíamos dizer que é o movimento ambiental, mas de facto são muitos movimentos e muitas formas de olhar para estas questões".

No entanto, essa pluralidade de visões pode ser benéfica, trazendo para o debate e para o campo da ação várias propostas de solução e de atuação que procuram resolver a degradação do planeta, através de diversos ângulos.

OS JOVENS E A DEFESA DO FUTURO DO PLANETA

Quando se fala das alterações climáticas, quase sempre se ouve dizer que os jovens são a ponta da lança dessa luta, que o planeta será a sua herança e que, por isso, combatem pelo mundo que querem ter. Na maioria dos discursos, desde os do Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, até aos dos governos nacionais, passando pelos da União Europeia, os jovens são vistos como os paladinos da defesa do futuro da Terra.

António Carvalho, sociológico e Professor Auxiliar na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

António Carvalho afirmou que "temos muito a ideia de que esta politização da juventude é muito recente, mas podemos lembrar-nos do que aconteceu no contexto português, em 1962 e também 1969, com as crises académicas, primeiro em Lisboa e depois em Coimbra".

Disse-nos o sociólogo que "sempre existiu uma vanguarda juvenil com um papel importante em diferentes dimensões da nossa sociedade. O que é diferente aqui é que a narrativa da crise climática tem um impacto muito grande na forma como os jovens visualizam o seu futuro".

"Nos discursos da Greta Thunberg, por exemplo, há muito aquela questão da justiça intergeracional, porque é muito a forma como as gerações atuais acabam por pagar na pele aquilo que tem vindo a ser feito desde a Revolução Industrial", afirmou, acrescentando que "isso também gera uma certa tensão do ponto de vista da relação entre as gerações e um sentido de urgência no que toca à ação".

Nesse "confronto de gerações", existe uma crescente consciência por parte das populações jovens de que o futuro não só ambiental, mas também socioeconómico, e o tipo de planeta que vão herdar é pior do que aquele que foi herdado pelos seus pais".

Para o académico, "uma crise climática é uma crise existencial também", pelo que instiga reações de contestação mais dramáticas e até mesmo agressivas contra a inação climática de quem tem o poder para realmente mudar o estado de coisas, disse. "Por isso é que há também uma grande dimensão de emotividade presente nestes protestos. É um grande sentimento de injustiça, neste caso intergeracional."

A LUTA PELO CLIMA SAIU DAS SALAS DE AULAS E TORNOU-SE MAIS RUDOSA

Para António Carvalho, a luta dos estudantes pelo fim dos ataques ao planeta Terra alterou-se e levou os 'combates' para fora das salas de aulas. "Já não está tão necessariamente focados na questão das escolas e das universidades, mas sim na desobediência civil não-violenta", explicou, acrescentando que, "no caso português, a Climáximo tem liderado este tipo de manifestações".

O sociólogo recordou que, em 2018, foi criado o movimento Extinction Rebellion, caracterizado por ações de "desobediência civil não-violenta", que incluíam protestos sentados (sit-ins), bloqueios de estradas, disrupção de transportes, performances que +

> "Sempre existiu uma vanguarda juvenil que teve um papel importante em diferentes dimensões da nossa sociedade. O que é diferente aqui é que a narrativa da crise climática tem um impacto muito grande na forma como os jovens visualizam o seu futuro.

dramatizavam a extinção de espécies. O principal objetivo era "atingirem visibilidade pública, sentirem que têm um impacto na vida das pessoas, gerarem maior alarmismo social em relação à causa climática".

Este tipo de movimentos, detalhou, "fazem uma crítica bastante feroz ao que se pode designar por capitalismo fóssil, associando a crise climática a um modelo socioeconómico", neste caso o capitalismo, "e isso é também uma forma de politizar o movimento ambiental".

Quanto aos efeitos públicos, o sociólogo advertiu que esse tipo de ações "pode ser um tiro no pé, de certa forma". Isto porque, "num país como Portugal, com todas as dificuldades económicas que as pessoas têm, ações climáticas, nomeadamente a taxação de carbono, podem gerar movimentos sociais críticos, pela forma como esta transição energética está a ser feita", dando o exemplo dos Coletes Amarelos em França.

"Muitas vezes, as pessoas podem posicionar-se em relação a estes movimentos ambientalistas e climáticos de uma forma desconfiada, o que pode gerar uma fragmentação do próprio movimento ambiental".

Por isso, António Carvalho sugeriu que talvez seja preciso repensar se essas táticas são realmente adequadas ao contexto português. "Parlo sentido em contextos específicos do Norte Global, como no Reino Unido ou na Suécia, mas será que fazem sentido num país que, embora possa vir a sofrer desmesuradamente com os efeitos das alterações climáticas, devido ao nosso contexto geográfico, tem uma situação socioeconómica bastante desfavorável?", questionou.

ANSIEDADE CLIMÁTICA E OS IMPACTOS NOS MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS

"A dimensão das emoções é muito relevante", salientou António Carvalho. Para o académico, aquilo que é conhecido como a "ansiedade climática" ou

'ecoansiedade' está associado "a um estado de ansiedade gerado pela consciência de problemas ambientais e climáticos, não só presentes, mas também futuros".

"Devido, obviamente, às questões climáticas, devido à disseminação da própria ciência climática, devido também à disseminação dos movimentos associados à greve climática estudantil, gera-se uma perceção por parte das camadas populacionais mais jovens de que os seus futuros podem estar comprometidos. E, portanto, há uma reação emocional em relação aos problemas ambientais".

Apesar de só agora se começar a falar dessas questões, António Carvalho considera que isso não tem nada de novo. "No caso do movimento ambientalista global, nomeadamente do movimento antinuclear durante os anos 60 e 70 nos Estados Unidos, este tipo de experiências, não necessariamente de ansiedade, mas principalmente de frustração e burnout, decorrentes da incapacidade dos movimentos em obterem os seus objetivos, como por exemplo, impedirem a construção de centrais nucleares, gerava também quadros emocionais e de frustração individual muito fortes", lembrou o docente universitário.

O QUE PODEMOS ESPERAR DO FUTURO

Olhando para os tempos que estão por vir, que, segundo os cientistas, deverão ser duros e repletos de desafios e transformações, é possível que vejamos uma intensificação da contestação ambiental e climática.

"Há a possibilidade de intensificação de movimentos como aqueles a que temos vindo a assistir na praça pública, devido à perceção da crise que se está a avolumar por causa da inação das políticas climáticas", avançou António Carvalho. Ao mesmo tempo, poderão surgir outros movimentos, "mais contestatários, quase do tipo negacionista, em relação às alterações climáticas", que se opõem a medidas impostas em nome da defesa do planeta, mas que podem ter "impactos nefastos ao nível da população, nomeadamente das classes sociais mais desfavorecidas". Por exemplo, taxas maiores sobre emissões de dióxido de carbono.

"Vamos assistir para ver o que se vai passar", afirmou, recordando que "temos vários exemplos históricos do sucesso" do movimento ambientalista em Portugal.

Por isso, acredita que "não estamos perante um cenário de frustração total ou de perda de confiança na agência individual e coletiva para influenciar estes temas", pelo que tudo indica que a mobilização popular em prol do ambiente e do planeta se manterá forte em Portugal e além-fronteiras. ■